

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EXPERIÊNCIAS DE LAZER ENTRE OS JOVENS DE VIÇOSA

Maria das Graças M. Ribeiro*
Giuliano Gomes de Assis Pimentel**

RESUMO

Investiga-se a prática do lazer entre jovens da cidade de Viçosa - M.G., suas representações acerca deste lazer, como estas representações se diferenciam segundo a classe ou grupo social do sujeito que as elabora e em que medida tais representações tendem a reforçar as desigualdades sociais, resultando em práticas diferenciadas de lazer.

ABSTRACT

Its is investigated the leisure practice among the younths in the town of Viçosa - MG, its representations regarding this leisure, how these representations are distinguished according to the class or social group of the one who elaborates it and how such representations tend to reinforce the social inequalities, resulting in different recreation practices.

* Socióloga, professora do Departamento de Educação da UFV.

** Acadêmico de educação física /bolsista (PIBIC - CNPq/UFV).

Introdução



lazer, enquanto cultura vivenciada no tempo livre, é direito inalienável, assegurado a todo cidadão pela Constituição Federal. Sabe-se, contudo, que na sociedade capitalista, o quadro sócio-econômico de distribuição das riquezas do país é excludente para grande parcela da população. Neste sentido, não estaria a prática do lazer condicionada pela desigualdade de oportunidades em nossa sociedade?

Acredita-se que a prática do lazer, como componente histórico da vida humana, é determinado pelas relações sociais mais amplas que vão constituir a sociedade. Ao mesmo tempo, esta prática constitui um momento no processo de construção coletiva da cultura, a qual irá orientar a ação de cada grupo social. Deste modo, pode-se dizer que é possível analisar a questão das desigualdades sociais a partir das atividades de lazer. Sendo assim, no trabalho de pesquisa aqui apresentado, pretende-se analisar como o lazer e aquelas atividades que ocorrem no que se chama habitualmente tempo livre vem a constituir-se como representações sociais, como estas representações se diferenciam segundo a classe ou grupo social do sujeito que a elabora e em que medidas tais representações tendem a reforçar as desigualdades sociais, desencadeando práticas diferenciadas de lazer.

Cabe observar que entendemos aqui o lazer como:

“... cultura vivenciada no tempo disponível, não em contradição, mas em estreita ligação com as demais esferas de obrigações da vida social, combinando os aspectos tempo e atitude.”
(Marcellino, 1987).

Como representações sociais entende-se o “senso comum”, tomado na perspectiva de Gramsci.

Cabe observar ainda que a pesquisa, que deu origem ao presente trabalho, iniciou-se com uma revisão bibliográfica sobre lazer e representações sociais, a partir da qual foi possível estruturar o trabalho de campo - coleta de dados junto a instituições públicas; observação participante em “eventos” e espaços de lazer frequentados pela juventude local entre agosto de 1994 e maio de 1995; entrevistas abertas com responsáveis pelas políticas de lazer da cidade e entrevistas semi-abertas em duas escolas, uma que atende jovens de baixo poder aquisitivo e outra jovens de alto poder aquisitivo, sendo estes jovens de ambos os sexos e com idade entre 14 e 20 anos.

A escolha por grupos de jovens parece muito apropriada, visto o tratamento privilegiado dispensado ao lazer pela juventude. Pais (1990:591) chegaria a afirmar que “grande parte da sociologia da juventude tem passado pela sociologia do lazer”.

O Lazer em Viçosa

Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais e contando com cerca de 60 mil habitantes, a cidade de Viçosa tem sua origem remetida ao esgotamento

das minas auríferas de Ouro Preto e Mariana e à procura de terras para a lavoura (Paniago, 1990).

Não obstante, a atividade agrícola seja ainda hoje um forte traço do município, o eixo dinamizador da economia é a Universidade Federal de Viçosa (UFV), que teve origem com a fundação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) em 1926.

Considerada como tendo alguns dos melhores cursos oferecidos no país no campo das chamadas “ciências agrárias”, é a Universidade que condiciona a dinâmica dos grupos sociais de Viçosa; ela permeia as relações que se travam no mercado e propicia indiretamente a formação de uma rede de serviços que vem contribuindo para a expansão da economia local.

Cabe observar que a universidade tem atraído para a cidade um número significativo de pessoas não só de outras regiões do estado de Minas Gerais, mas também de diferentes regiões do país.

Em termos de equipamentos de lazer, a cidade de Viçosa conta hoje com 1 cinema, 4 clubes, 4 academias, 5 estádios, 3 museus e 16 praças. Além disso, há 7 corporações musicais, 3 corais e 4 bandas e/ou conjuntos de sopro.

Afora tais equipamentos, há práticas de lazer institucionalizadas, como determinadas festas de estudantes universitários, entre as quais destaca-se a Marcha Nico Lopes, uma espécie de Carnaval temporão, que tem como tônica a irreverência e a ironia voltadas para as políticas de educação a nível local e a nível nacional. Por outro lado, a cidade

promove sua exposição agropecuária, rodeios, jogos escolares, competições esportivas, bailes *funks*, uma semana do folclore e festas “tradicionais” (Semana Santa, festas juninas entre outras).

O poder público municipal, através da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (SMCELT), além de apoiar ou promover tais eventos mantém uma “Casa da Cultura” que oferece à população cursos, exposições artísticas e ciclos de leitura.

Representações Sociais: resultados e discussão

A partir da sistematização das entrevistas, é possível afirmar que se de um lado, o lazer é encarado como momento do descanso e do divertimento, tanto para os jovens de baixa renda (Escola Azul), como para aqueles de poder aquisitivo mais elevado (Escola Verde), entre os primeiros é significativo o percentual dos que encaram o lazer como momento de pensar na vida (V. Quadro 1). Do mesmo modo, quando se fala das aspirações que se tem em relação ao tempo livre, entre a população pobre aparece o desejo de tempo para estudar (5%), assim como de tempo para ficar à toa (5%). Ainda quanto às aspirações em relação ao tempo livre, vale notar que não obstante 58,37% dos entrevistados consideram escassas as oportunidades de lazer em Viçosa (V. Quadro 8), a maioria responde que já faz, no tempo livre, aquilo que gostaria de fazer (33,33%)¹, perdendo apenas para 38,33% dos entrevistados que gostariam de praticar regularmente alguma modalidade esportiva.

Quadro 1 - Representações quanto à utilidade do tempo livre.

Escola	AZUL	VERDE	TOTAL
Divertir-se	18,33	20	38,33
Descansar	18,33	26,66	45
Praticar esportes	2,33	-	3,33
Pensar na vida	6,66	-	6,66
Ver TV	1,66	3,33	5
Outras	1,66	-	1,66

Quadro 2 - Aspiração em relação ao tempo livre

ATIVIDADE	ESCOLA		TOTAL
	AZUL	VERDE	
Viajar, conhecer coisas e pessoas novas	6,66	3,33	10
Fazer esportes	13,33	25	38,33
Estudar	5	1,66	6,66
Ir ao clube	1,66	1,66	3,33
Ficar à toa	5	3,33	8,33
Outras	18,33	15	33,33

Neste ponto, dois dados chamam maior atenção. O primeiro é o contentamento dos jovens em relação às suas atividades de lazer. Ficando o questionamento: - Gostam do que fazem ou fazem tudo que gostariam de fazer? e, - O que faz com que tenham convicção de seu contentamento ou descontentamento?

O segundo dado refere-se a já prevista preferência dos jovens pela ati-

vidade esportiva, já que nesta fase espera-se que suas aptidões físicas e maior tempo social disponível permita-lhes uma prática desportiva bastante significativa. Conta a atividade física, ainda, com o estímulo da mídia à sua prática. Existe, também, um número significativo de jovens que deseja ter acesso à oportunidades de práticas corporais. (V. Quadro 2 e 3)

Quadro 3 - Atividades com as quais os jovens ocupam seu tempo livre

ATIVIDADE	ESCOLA		TOTAL
	AZUL	VERDE	
Balles e festas	6,66	5	11,66
Clube	1,66	6,66	8,33
Piscina	5,	-	5
TV	13,33	21,33	35
Música	10	3,33	13,33
Estudar	3,33	3,33	6,66
Descansar	1,66	1,66	3,33
Esportes	5	8,33	13,33
Viajar	1,66	-	1,66
Reunir-se a turma	1,66	-	com 1,66

Contudo, a ocupação rotineira desses dois grupos tem sido assistir TV (35%), fazer esportes (13,3%) ou ouvir música (13,3%), além de outros que vão a bailes e festas (11,66%), a clubes (8,3%) ou somente estudam (6,66%). (V. Quadro 3).

Quadro 4 - Representações sobre a necessidade de haver igualdade no Lazer

Depende							
Escola	Deve haver Igualdade	Do Nível Cultural	Das Condições sócio-econômicas	Do Gosto	Da Idade	Do Temperamento	Outras
AZUL	11,66	1,66	6,66	16,66	5	1,66	6,66
VERDE	6,66	6,66	13,33	20	3,33	-	-
TOTAL	18,33	8,33	20	36,66	8,33	1,66	6,66

Quadro 5 - Representações sobre a existência ou não de igualdade no Lazer e seus motivos

Não					
Escola	Sim	O Tempo livre não é igual	Condições Sócio-econômicas variam	Outras	NS/NR
AZUL	8,33	11,66	20	6,66	3,33
VERDE	10	15	23,33	1,66	-
TOTAL	18,33	26,66	43,33	8,33	3,33

No que toca à existência ou não de igualdade na prática do lazer, 23,32% dentre os entrevistados de baixa renda a defende claramente contra 13,32% do outro grupo (Média = 18,32% das amostras). A maioria dos dois grupos diz que o lazer deve variar com o gosto de cada pessoa (36,66%). No entanto, 69,9%

dos entrevistados reconhece que não há de fato igualdade no lazer já que ele varia devido a condições sócio-econômicas distintas ou porque o tempo livre não é igual para todos. Chama atenção, contudo, o fato de 18,3% dos jovens responderem que há igualdade (V. Quadros 5 e 6).

Quadro 6 - Representações acerca da conjugação de trabalho e lazer

É possível			Não		
Escola	Quando o ambiente é agradável	Quando se faz o que se gosta	Há dicotomia seriedade/Lazer	Porque há excesso de trabalho	Outras
AZUL	20	5	11,66	11,66	1,66
VERDE	13,33	26,66	6,66	1,66	1,66
TOTAL	33,33	31,66	18,33	13,33	3,33

Questionados sobre a relação trabalho-lazer, 33,3% dos entrevistados (V. Quadro 6) considera possível conjugar trabalho e lazer desde que o trabalho seja agradável ou se trabalhe naquilo que se gosta de fazer.

É curioso o fato dos jovens exemplificarem algumas profissões ou locais de trabalho. Na opinião de alguns entrevistados, a profissão de Professor de Educação Física é tida como uma profissão em que se faz algo prazeroso pois ele está sempre envolvido com esporte, brincadeiras, etc.

Cabe considerar que 11,6% dos entrevistados, a maioria de baixa renda, reclama do excesso de trabalho a que as pessoas são submetidas.

Na verdade, entre os que consideram possível conjugar trabalho e lazer de acordo com o ambiente de trabalho, os entrevistados de baixa renda responderam em número significativo que é divertido trabalhar onde se tem amigos ou então colegas bem humorados, não considerando propriamente o prazer que o trabalho possa vir a proporcionar. Já os jovens de maior poder aquisitivo responderam em sua maioria que é possível conjugar trabalho e lazer quando se faz o que gosta. Vale aqui observar, contudo, que praticamente nenhum destes jovens trabalham e, desta forma, representam o trabalho para as pessoas de seu grupo social, tomando como referência o trabalho dos pais, quase todos professores da UFV.

Quadro 7 - Grau de parentesco dos indivíduos com quem os entrevistados partilham o lazer

Escola	Amigos	Parentes	Colegas	Sozinho	Outros
AZUL	28,33	5	8,33	5	3,33
VERDE	25	5	13,33	1,66	5
TOTAL	53,33	10	21,66	6,66	8,33

Pelo quadro 7 nota-se o quanto o lazer constitui para esses jovens uma forma de convívio social. Os amigos (a turma) fornecem a convivência predileta para o lazer do jovem. Em relação à quantidade e qualidade do lazer em Viçosa, 58,33% dos entrevistados se mostraram insatisfeitos, como é possível averiguar no quadro 8.

Quadro 8 - Representações acerca das oportunidades de lazer oferecidos em Viçosa

Escola	Há muitas	Há poucas	NS/NR
AZUL	15	33,33	1,66
VERDE	18,33	25	6,66
TOTAL	33,33	58,33	8,33

Quanto às oportunidades de lazer oferecidas na cidade (V. Quadro 9), a maioria afirma que os clubes são uma oportunidade. É interessante que dos 53,33 % que responderam a esta alternativa, 30% são jovens de baixo poder aquisitivo. Neste ponto é interessante notar como o Campus da UFV aparece como um espaço de lazer. No entanto,

enquanto 26,6% dos jovens de poder aquisitivo elevado o tem assim, apenas metade (13,3%) dos jovens de baixa renda assim o representam. Evidentemente o primeiro grupo está familiarizado com este espaço, enquanto, o outro o vê como um espaço que não é seu. Conforme Berger (1974), as estruturas da vida cotidiana são apresentadas como prontas e não haveria porque mudá-las. É o conformismo que conforma, como coloca Gramsci (1978:15).

“... um grupo social, que tem uma concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontínua e ocasionalmente [...] toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que lhe é estranha; e aquele (o primeiro) grupo afirma por palavras esta concepção, e também acredita seguí-la...”

Assim, o mundo social é filtrado para o indivíduo segundo sua localização na estrutura social e de acordo com as suas idiossincrasias individuais, ou seja, o indivíduo percebe o mundo tendo as suas representações sociais em condições que são determinadas por sua classe ou grupo social.

Os processos sociais produzem indivíduos com identidades subjetiva e objetivamente reconhecíveis; estes indivíduos, através de suas ações, produzem a ordem social. Uma ação repetida frequentemente torna-se um padrão que vem gerar a formação do hábito. A par-

tir da formação do hábito ocorre a institucionalização. A ordem institucional origina-se pois na tipificação do desempenho dos indivíduos, esta, por sua vez, vem a gerar a constituição de papéis. Os papéis são assumidos mediante uma determinada linguagem, uma determinada maneira de vestir, uma determinada maneira de delimitar os espaços. Assim os “boyzinhos”, como são chamados os jovens de condição social favorecida não se misturam com as “galeras”, que são formadas pelos “funkeiros”, pelos “cortadores de cana”, como chamam os jovens de baixa renda, ainda que ambos os grupos consumam a mesma cultura de massas, pois os universos simbólicos mediam a relação entre o “eu” e a realidade macroscópica na qual cada um está inserido.

Observa muito bem Magnani (1984:145), o que a observação participante confirma nos eventos de massa, como a Nico Lopes (espécie de carnaval temporão), que:

“Apesar da aparente homogeneidade e de eventuais contatos, os grupos de colegas que vieram juntos e que voltarão juntos para suas casas não se desfazem durante o baile, permanecendo como ponto de referência e esquema de segurança”.

Vale aqui transcrever um trecho da anotação de campo na observação participante feita em maio de 1995 durante a noite, no Atlético Clube e na Av. P. H. Rolfs:

“O baile funk no Atlético inicia-se por volta de vinte horas e trinta minutos. Os jovens que o freqüentam costumam ficar em frente ao prédio do Atlético aguardando o melhor momento para subirem com sua turma [...]. Subo com meu informante, ele é meu passaporte para esse mundo desconhecido, maldito pelas “boas bocas” da classe média. Sou revistado, a moça que nos acompanha tem um apetrecho de madeira e pontiagudo apreendido, trata-se de um utensílio para “segurar” o cabelo mas pode tornar-se uma arma em uma eventual confusão [...]. Assisto a evolução dos grupos com seus passinhos de funk, dança que envolve uma boa coordenação motora. Minha presença é tratada com indiferença por uns e desconfiança por outros.

Às vinte e quatro horas acaba o baile, as luzes são acesas e as pessoas saem. Formam-se, espontaneamente, os grupos de pessoas que em ‘bandos’ dirigem-se para casa. Sigo (ou acompanho?) um grupo que sobe a Rua Pe. Serafim. Do baile até a Av. Santa Rita, os transeuntes foram agraciados pela escolta de três patrulhas da P.M.. Fico imaginando o efeito disso na representação desses indivíduos sobre si mesmos, sobre o poder (representado pela polícia) e sobre a marginalidade de seu lazer”. (Pimentel e Ribeiro, 1995:20)

Assim, entre as camadas populares destacam-se os forrós e os bailes “funks” aos sábados e domingos, respectivamente. Além de entre as galeras ocorrerem encontros na praça principal da cidade, passeios ou partidas de futebol nos seus bairros ou pelo Campus da UFV, há também, o aluguel de um caminhão que os conduz para jogos de futebol de várzea. Ainda são comuns a eles o uso da piscina da UFV (filhos de funcionários) e a piscina da Cabana Roda, misto de clube, restaurante e danceteria, cuja piscina é usada mediante o pagamento de ingresso (em março de 1996 custava R\$ 2,00).

Quadro 9 - Oportunidades de lazer oferecidas em Viçosa segundo os entrevistados

Escola	Clubes	UFV	Esporte	Bailes	Bares	Festas	NS/NR
AZUL	30	6,66	5	-	5	1,66	1,66
VERDE	23,33	13,33	6,66	1,66	3,33	-	1,66
TOTAL	53,33	20	11,66	1,66	8,33	1,66	3,33

Por outro lado, os jovens de melhor condição econômica freqüentam determinados bares e restaurantes, reúnem-se no “Calçadão”, rua de pedestres que fica no centro da cidade e, aos fins de semana vão a clubes, festas em residências e viajam a sítios nos arredores de Viçosa. Também usufruem do Campus seja passeando de carro, patinando e freqüentando a área do bar do DCE (Diretório Central dos Estudantes).

tes) ou praticando diversas modalidades de esporte, em especial o voleibol e o ciclismo (“mountain bike”).

Tais jovens incorporam, em geral, o fenômeno esportivo. São comuns os torneios, jogos, excursões turísticas ou esportivas com a finalidade de promover momentos em que os jovens mais privilegiados economicamente possam encontrar-se:

“No Viçosa Clube, um dos mais tradicionais de Viçosa, há uma ênfase no desporto e na ginástica. O clube possui uma equipe de tênis de mesa compatível com o nível mineiro, além disso, possui treinamento e ensino de diversas modalidades: natação, futsal, voleibol e capoeira”.

“No pequeno mas bem cuidado Viçosa Clube, ocorre anualmente a Copa Antártica, competição entre equipes (LUVE, cursinhos pré-vestibular e de línguas, empresas e os clubes) de futsal, voleibol e a peteca. Sendo esta última a modalidade que deu início à idéia da copa, sendo o voleibol e o futsal crescidos recentemente. O público que assiste à partida entre Serraria Barros e LUVE, futsal livre, é constituída de grupos de 14 a 35 anos, predominantemente. Há pais com suas crianças e turminhas de jovens. Reconheço alguns dos presentes: há funcionários da UFV, professores ilustres (chefes de departamento e diretores de Centro) e alunos de uma escola selecionada (Verde).

As pessoas assistem ao jogo assentadas na arquibancada ou às mesas onde um funcionário do bar as atende. O ambiente é descontraído, os jogadores não são desconhecidos do público e este exerce sua opinião na forma de comentários sobre o jogo, o desempenho dos times, a situação do jogo, etc.. Apesar da torcida a favor da S. Barros, a LUVE vence de 5x3. O próximo jogo é Number One x Viçosa Clube, voleibol feminino, até 15 anos [...] ao sair certifico-me da presença de três seguranças no portão de acesso. Afinal o evento é aberto ao público, mas é melhor se prevenir de presenças indesejáveis” (Pimentel e Ribeiro, 1995:22).

Os jovens dos dois grupos tem o hábito de encontrar-se antes e após a missa dominical e ir aos raros shows em espaços públicos realizados na cidade, tais como a Semana do Folclore, Nico Lopes ou Exposição Agropecuária.

Não obstante a inexistência de uma burguesia local em Viçosa, já que o segmento social em melhores condições sócio-econômicas é constituído de uma pequena burguesia do ramo comercial e da construção civil e de uma classe média assalariada (professores universitários), é possível observar a desigualdade social no lazer, assim como a segregação quanto aos espaços de lazer. Nas noites de final de semana, a divisão espacial entre os grupos sociais é nítida. Há uma trajetória de passeios preestabelecida para cada grupo. Para

os jovens das galeras, seu limite é a linha férrea que corta transversalmente a principal avenida da cidade. Para além dela estão os jovens universitários e dos cursinhos com posturas e vestimentas bem diferentes do grupo anterior. Um não transita no espaço do outro, havendo grande possibilidade de incidentes quando isso acontece. Há contudo, exceção quando se trata das jovens. Neste caso, entrar na outra área representa possibilidade de contato com rapazes tidos como bons partidos.

Entre os jovens mais favorecidos há a crença de que o jovem funkeiro deve ser evitado, pois é pessoa de passado rural recente, com tendências à criminalidade no dizer de um entrevistado: *“com menos cultura, não compreendem e nem gostam de um lazer mais sofisticado, típico de pessoas com educação mais fina”*. Há casos de en-

trevistados que dizem pagar para que os funkeiros ou outros grupos (como os roqueiros metaleiros) não os molestem.

É interessante notar que entre as atividades de lazer sugeridas para Viçosa, os jovens de ambos os grupos citam a necessidade de shows, ‘shoppings’, atividades esportivas, parques, teatro, cinemas, e, principalmente, boates/dancerias/discotecas. No entanto, para os de baixa renda, isto significa um local idealizado, que não possua a superlotação e as brigas constantes comuns (mas não exclusivas) aos bailes das galeras de bairros periféricos de Viçosa, enquanto entre galeras dos jovens de maior poder aquisitivo, este anseio apresenta outro significado. É reminiscência de uma experiência vivida em algum grande centro urbano, sendo assim o desejo de um tipo de ambiente real, já conhecido e aprovado.

Quadro 10 - Sugestões de Atividades para Viçosa

ESCOLA	AZUL	VERDE	TOTAL
SHOPPING COM ÁREA DE LAZER	3,33	8,33	11,66
ATIVIDADES ESPORTIVAS PARA OS MAIS CARENTES	8,33	3,33	11,66
SHOWS COM BONS ARTISTAS	10	6,66	16,66
TEATRO	1,66	3,33	5
CINEMA	1,66	3,33	5
BOATES, DANCETERIAS, DISCOTECA	8,33	11,66	20
JOGOS ENTRE BAIRROS, COLÉGIOS	3,33	3,33	6,66
PARQUES	6,66	3,33	10
OUTRAS	1,66	1,66	3,33
NS/NR	3,33	3,33	6,66

Não obstante as distinções observadas, percebe-se que ambos os grupos vivem o lazer enquanto consumo da cultura de massas (rádio, TV, esporte e danças da moda, etc). Deseja-se o espetáculo generalizado e, através dele, a ruptura com o cotidiano. Neste sentido, é interessante observar que as representações que se tem do lazer são produtos de estímulos da sociedade; estes estímulos entram nas necessidades e as modificam, reforçando uma ordem social que necessita da circulação de bens simbólicos para legitimar-se.

Por uma Política de Lazer

Mesmo constatando que “os lazeres têm raízes relacionadas à classe social, onde as atividades dos jovens são sociais no sentido que cada um sabe do papel que tem a desempenhar”², existem as rupturas manifestas e muitas outras possíveis.

A observação participante registrou transgressões como a constante invasão da quadra de um colégio particular por jovens moradores de um bairro. O uso proibido da quadra consistiu-se na luta daqueles jovens pelo seu direito ao lazer de tal forma que o proprietário do colégio acabou construindo outra quadra em um local mais inacessível.

Tal fato demonstra uma inquietude: a demanda por áreas e programas de lazer confrontando com a pobreza e a inexistência destes.

Assim, pelo exposto, não há como não afirmar ser o acesso ao lazer uma questão de cidadania.

Igualmente, a recomendação deste artigo não haveria de ser outra, senão a de que os governos, em especial o municipal, invistam em suas políticas de lazer e que estas, afim de romperem com as “barreiras para o lazer”³, estejam contemplando a participação popular. Uma participação, que seja contínua e dinâmica, em função das necessidades, interesses e aspirações da população⁴.

Notas

¹ A maioria das respostas em outras refere-se a esse ‘contentamento’ com o que já se faz no seu tempo livre.

² PAIS (1990) realizou um estudo sobre o lazer de jovens de três grupos sociais de Lisboa. Porém este procurou explorar as expressões dos jovens não apenas como campos simbólicos mas como formas sociais de transição para a vida adulta (p.593).

³ MARCELLINO (1996) coloca as diferenças sociais a nível de instrução, faixa etária, gênero, classe social e origem do indivíduo como fatores limitantes e que devem ser lembrados por uma política que objetive a verdadeira democratização do lazer (p.25).

⁴ BRUHNS (1990) coloca que a única transformação somente ocorrerá através da elaboração e encaminhamento das propostas pelas camadas populares (p.213).

Bibliografia

- BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da realidade*. 2.ed., Rio de Janeiro : Vozes, 1974.
- BRUHNS, H. T. A proposta carente de lazer x espaço de lazer dos "carentes". In: *Revista do CBCE*. 11 (3): 210-214, 1990.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 13.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e Educação*. Campinas: Papirus , 1987.
- _____. *Capacitação de animadores sócio-culturais*. 2.ed. São José dos Campos, SP : Prefeitura Municipal de São José dos Campos - Secretaria de Esportes e Lazer, 1996.
- PAIS, J. M. Lazer e Sociabilidades Juvenis - um ensaio de análise etnográfica. In: *Análise social*, Lisboa - Portugal, vol. . XXV (108-109), 1990.
- PANIAGO , M.C.T. *Viçosa : Mudanças socio-culturais*. Viçosa : Imprensa Universitária / Universidade Federal de Viçosa, 1990.
- PIMENTEL, G. G. de A. RIBEIRO, M. G. M. *Representações sociais e experiências de lazer entre os jovens da cidade de Viçosa*. Viçosa, 1995. 38 p. Mimeo. Relatório de Pesquisa/UFV.